

REFLEXÃO MUSEOLÓGICA — O TORREÃO DO PALÁCIO CONDES DE CASTRO GUIMARÃES

Maria José R. de Sousa

O Palácio onde actualmente está instalado o Museu Condes de Castro Guimarães foi mandado construir por Jorge O'Neill, cerca de 1900, num terreno cujo aforamento requereu à Câmara de Cascais a 10 de Novembro de 1892 “entre a Cidadella e a estrada que conduz à Boca do Inferno”.

Jorge O'Neill, descendente dos príncipes de Tyrone e de Glen-Boy reis da Irlanda, homem ligado à finança e à indústria do Tabaco, nem sempre foi afortunado nos seus negócios, razão porque se viu obrigado a vender a “Torre de S. Sebastião com todo o recheio por trinta e seis contos” ao Conde Manuel Castro Guimarães, advogado e banqueiro. Este segundo proprietário, tendo falecido em 1927 e não deixando descendentes, legou “à vila de Cascais”, a sua “propriedade denominada Torre de S. Sebastião... com toda a mobília, objectos d'arte, livros e pratas,... com a condição... de ser destinado a um pequeno Museu Municipal e Biblioteca publica e os jardins e parque contíguo para recreio do público” .

O Museu abriu ao público em 1930 e teve a sua inauguração oficial a 1931.

Como Museu-Biblioteca, constituindo ainda hoje a mais importante Instituição Cultural no concelho, o palácio é por si só, um edifício relevante dentro da arquitectura do romantismo.

Jorge O'Neill, que o mandou construir, era um homem de bom gosto que inspirado ”segundo se diz, num esboço do cenógrafo Luigi Manini, encomendou ao arquitecto-pintor Francisco Vilaça a sua moradia de veraneio na enseada de Sta. Marta. Carlos Malheiro Dias refere-se a ele e Regina Anacleto na sua obra “O Neomanuelino ou a Reinvenção da arquitectura dos Descobrimentos” cita-o, como um dos “mais ilustrados artistas” nacionais. Tornou diz, citando ainda aquele autor, “pela primeira vez tangível essa attrahente phantasia [que é a

Torre de S. Sebastião] e haver ousado e sabido edificar com solidez, a pedra e cal, a mais sumptuosa scenografia, com que um pintor histórico, de vastos conhecimentos e de authentica cultura, poderia ilustrar uma página da dynastia manuelina”.

O edifício, cito agora Regina Anacleto, “de acordo com alguns, utilizou apenas elementos nacionais e até locais, não afecta a predominância de um estilo, mas patenteia uma amalgama de tendências e de materiais que se estendem desde o castelo senhorial e reminiscências mouriscas, manuelinas e renascentistas, bem como da pedra ao reboco de argamassa, passando pelo revestimento cerâmico.

Alem disso, o edifício encontra-se sãbiamente implantado no local, a volumetria dos diversos corpos joga entre si harmõnicamente e, à boa maneira oitocentista, o interior correspondia às necessidades dos seus habitantes. “E mais adiante, citando Branca de Gonta Colado subscreve as suas palavras: “Deu-lhe a graça medieval das janelas geminadas, as cúpulas das janelas orientais, os mirantes dos serralhos moiriscos, os coruchéos das catedrais góticas, os alpendres dos solares minhotos, as torres das fortificações bárbaras, os varandins dos palácios italianos, as arcarias do estilo manuelino, mil enfeites, mil contornos diversos, mas amalgamou todos os pormenores num plano de conjunto que resulta elegante, magnificente e dá a quem o vê uma sensação de beleza e encantamento.”

Quando o Museu abriu ao público em 1930 contemplou-se exclusivamente a evocação do 2º. proprietário o Conde Manuel de Castro Guimarães, como era lógico, dado o valor patrimonial e cultural do legado deixado à vila de Cascais, ficando o primeiro proprietário por uma breve referência na explicação que se faz aos visitantes, de ter mandado construir o palácio e, na justificação das folhas de trevo do tecto e das portas e lareira da Sala Amarela evocando S. Patricio, patrono da Irlanda. Os brasões pintados no tecto do Torreão não integravam intencionalmente a visita, apenas mereciam uma ligeira referência também, aos visitantes que a solicitassem.

No entanto, pareceu-nos que, procurando manter sempre viva a memória do legado do Conde Manuel Castro Guimarães, se deveria dar maior relevo a Jorge O'Neill, evocando-o também no Torreão, completando o significado dos brasões relativos à sua genealogia, com outras peças ligadas à sua personalidade, pensando que esta evocação da convivência dos dois proprietários na mesma casa, em nada prejudicaria aquele que dotou o Município de Cascais com um Museu-Biblioteca.

Foi por esta razão que em 1993, fazendo um arranjo museológico daquela torre “medieval”, com fotografias de algumas salas que nos mostram o palácio no tempo de Jorge O'Neill, com o seu retrato a óleo, a árvore genealógica que se mandou pintar e a sua carta de armas, se inaugurou aquela sala, na convicção de que se estava a completar a história do palácio com o preenchimento de uma lacuna que decorridos 70 anos sobre a inauguração, mais facilmente ocorria realizar.